

MONDIM DE BASTO (Atei)

Atei é uma freguesia do concelho de Mondim de Basto (distrito de Vila Real), do qual dista cerca de 9 km. Saindo de Mondim de Basto, em direção a noroeste, siga pelo largo do Conde de Vila Real em direção à praça 9 de Abril. Prossiga em frente para a rua Comendador José Augusto Álvares de Carvalho. Na rotunda siga pela segunda saída e tome a N312. Cerca de 7 km depois encontra a igreja de São Pedro de Atei.

A paróquia de São Pedro de Atei localiza-se no extremo norte do concelho de Mondim de Basto, território cujo limite ocidental confronta com o Entre-Douro-e-Minho. Junto à margem esquerda do rio Tâmega, que a divide do concelho de Cabeceiras de Basto, a freguesia é composta por vinte e três lugares que se distribuem em *habitat* disperso mas rarefeito. A forte presença de casas nobres com o respetivo património fundiário terá contribuído para a sedimentação deste tipo de povoamento. Atei foi vila e sede de concelho, extinto em 1836, tendo recebido carta de foral de D. Manuel em 3 de junho de 1514.

Embora esteja somente documentada desde 1208, como revela uma bula de Inocêncio III publicada por Avelino Jesus da Costa, a fundação da paróquia e respetiva igreja podem ter uma origem mais antiga. Todavia, a documentação medieval sobre esta paróquia é muito escassa. Atei não figura nas inquirições régias de 1220 e de 1288-1290 embora seja mencionada nas *Inquirições Gerais de 1258* que a integram no Julgado de Celorico de Basto, sendo então padroado dos filhos de Gil Vasques de Soverosa. Linhagem proveniente da Galiza, os Soverosa tiveram um destacado protagonismo no reinado de D. Dinis, segundo apurou Sottomayor-Pizarro.

Em duas fontes genealógicas, o *Livro Velho de Linhagens* e o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, é narrada uma contenda na qual o conde Mem Soares cegou o conde Echiga Guiçoi, um dos primeiros Sousões, e outros seis, jazendo os sete condes na igreja de São Pedro de Atei. Segundo Sottomayor-Pizarro a cronologia dos protagonistas deste crime remonta ao final do século X e início do século XI o que poderia indiciar uma origem mais remota da igreja embora não haja outra evidência documental que o comprove.

Igreja de São Pedro

ORIENTADA CANONICAMENTE A IGREJA, construída em granito e aparelho pseudo-isódomo, é composta por nave única e cabeceira retangular embora esta parcela tenha sido totalmente refeita no século XVIII, época na qual foram também construídas as duas capelas adossadas às fachadas sul e norte e a sacristia. Os alçados laterais da nave assentam num embasamento escalonado e são coroados por cornijas que se apoiam em cachorros de perfil tendencialmente quadrangular que não apresentam qualquer motivo escultórico. Os vãos de iluminação, de recorte retangular, são obra da Época Moderna ou mesmo do século XIX, uma vez que a sua tipologia perdura longamente na arquitetura portuguesa de função religiosa ou civil.

Na fachada sul abre-se um portal de arco ligeiramente abatido, composto por tímpano liso e por uma arquivolta

cujas aduelas também não apresentam qualquer motivo escultórico. O vão de entrada tem um perfil retangular. É no arco envolvente que se concentra a parca escultura deste portal. Elementos geométricos, como dentes de serra, ornatos em espinha e círculos concêntricos, pontuam no extradorso. No intradorso foram esculpidas pérolas que alternam com figuras humanas.

Muito embora o desgaste da escultura dificulte a sua identificação, as duas figuras humanas, colocadas no sentido do arco e não radialmente, parecem figurar personagens com os braços cruzados numa postura própria da representação de corpos tumulados. O portal do alçado norte segue o mesmo modelo em todos os elementos que o compõem, embora o número de figuras humanas esculpidas no arco envolvente seja superior. Apesar de duas



Perspetiva geral da igreja a partir do lado sudeste



Alçado oeste

destas figuras estarem parcialmente partidas, cremos que estão aqui figurados cinco personagens. A conjugação entre a postura das figuras e o seu número, sete no total (duas no portal sul e cinco no portal norte), não pode deixar de sugerir a *representação* dos sete condes sepultados em Atei, conforme referem os livros de linhagens acima citados embora esta leitura seja unicamente uma hipótese.

O alçado ocidental é composto por um portal ladeado por duas mísulas, o que sugere a existência de um alpendre, uma pequena e estreita fresta e uma sineira de dois vãos que coroa superiormente a fachada. O arranjo do portal é em tudo semelhante ao dos portais sul e norte. Todavia, este vão é encimado não somente por um arco envolvente mas também por uma arquivolta. Nas aduelas pontuam elementos geométricos semelhantes aos dos outros dois portais e está ausente a representação da figura humana. Uma das aduelas é de maior dimensão e ultrapassa a linha definida pelo arco, aspeto que reforça a possibilidade de ter havido um arranjo com peças reaproveitadas. Este reaproveitamento parece ser comum aos três portais que não apresentam colunas. Nas arquivoltas internas, nos tímpanos e nas jambas é utilizado um granito de cor mais clara daquele que é empregue nos arcos envolventes.

No interior da igreja restam os paramentos medievais dos alçados ocidental, sul e norte. A construção de uma nova cabeceira no século XVIII, como já foi referido, substituiu o arco triunfal. No entanto, a estereotomia dos muros que ladeiam o arco é semelhante à dos paramentos medievais.

Na Casa da Seara, próxima da igreja, alguns silhares bem aparelhados mostram sete siglas, com as letras S, P e T, e outros sinais gravados, como uma figura humana em relevo. De acordo com a *Carta Arqueológica de Mondim de Basto* a Casa da Seara poderá ser o que restou do Paço dos Condes de Cantanhede embora seja de admitir que as pedras sigladas tenham pertencido à igreja de São Pedro. Na igreja há siglas alfabéticas semelhantes a estas na fachada sul, tendo sido identificadas as letras S, L, I e P.

A sineira, assente em muro ao qual está adossada uma fonte, corresponde a um arranjo do final do século XX.

Embora, como já foi referido, a igreja de Atei esteja documentada desde 1208 o templo que se conserva não será de época tão recuada. A reconstrução das igrejas, ou a sua substituição por outras, com novo programa, é um fenómeno recorrente no românico. A grande maioria das igrejas românicas têm uma origem fundacional mais antiga do que a arquitetura que hoje patenteia. São Pedro de Atei configura-se como um exemplar que mostra a longa permanência da forma de construir à maneira românica. O românico mais erudito, e também mais precoce, apresenta sistematicamente portais cujos alçados são compostos por colunas, nas quais assentam as arquivoltas, caracterizando-se pela variedade da escultura presente nos capitéis, aduelas, impostas e tímpanos. As cornijas que coroam as fachadas laterais são profundas e os cachorros que as sustentam têm uma forma retangular muito alongada, onde a escultura de motivos muito variados se adapta à morfologia

*Pormenor do portal norte**Pormenor do portal oeste**Portal sul*

das peças. No interior, a escultura concentra-se no arco triunfal e nos arcos torais da cabeceira ou ainda nos arcos formeiros, quando o corpo da igreja é composto por três naves.

Embora a cabeceira de São Pedro de Atei não seja da época românica, não permitindo uma aferição da sua solução original, as parcelas mais antigas da igreja – nave, portais e cachorros – mostram soluções muito diversas das que encontramos no românico do século XII ou das primeiras décadas do século XIII. Estando tão distanciada das soluções que acima elencámos, a igreja de Atei só poderá ser considerada românica se entendermos que a história da arquitetura não se confina à história dos estilos e à sua sequência simultaneamente cronológica e formal. De outro modo, uma muito apreciável quantidade de construções ficará num limbo exterior à própria história da arquitetura. O que esta igreja demonstra é a persistência epidérmica da construção românica patente na utilização do aparelho pseudo-isódomo, na existência de cachorros e na utilização de escultura nos portais, por muito incipiente que seja. Emerge aqui uma tradição muito arreigada na cultura arquitetónica da Idade Média portuguesa, despida embora

Vista do interior a partir da cabeceira

das características estruturais e formais definidas e disseminadas desde o último quartel do século XI, que designamos de românicas. O conhecimento do peso da tradição e do seu valor simbólico é fundamental para entendermos estas arquiteturas *sem tempo*.

Tendo em conta a descrição apresentada, da qual é de realçar a presença de cachorros lisos e de secção quase quadrangular e os portais sem colunas, será de concluir que a igreja de Atei é um monumento muito tardio quando enquadrado na cronologia da arquitetura românica portuguesa. Segundo C. A. Ferreira de Almeida é notória a revivência de temas e técnicas indígenas na decoração dos portais. Considerando que a igreja de Atei é um monumento do românico epigonal e um bom testemunho deste

estilo quando deixado à inspiração de artistas locais, C. A. Ferreira de Almeida propõe uma datação para este templo no século XIV, com a qual concordamos. Todavia, cremos que tanto o tipo de motivos geométricos como os alçados dos portais, como ainda a pré-existência de uma outra construção já documentada no início do século XIII, apontam para a reutilização de peças de diversa cronologia.

Texto: LCR - Fotos: MLB

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 192; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 124; COSTA, A.J., 1959, II, pp. 445-446; DINIS, A.P., 2010, pp. 48-49; PMH, INQ., p. 1379 (de 1258); SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 1999, I, pp. 157 e 225.